

LEIA NA SEQUÊNCIA SPOILER DE

“MEUS TEMPOS DE TINDER: MAIS DESVENTURAS DE CRIS OLIVEIRA”

Era mais uma manhã habitual de sábado. Tim chegou por volta das quatro da madrugada, tomou banho e se deitou ao meu lado. Não que fosse cotidiano o fato de Tim estar em casa, mas já era esperado que ele viesse, pois sempre que está no Brasil é aqui que ele fica. A única regra é nunca, jamais, se deitar sem tomar banho ou tirar os sapatos, no mais, ele já tinha a chave do apartamento. Eu o ouvi levantar pouco tempo depois, acredito que umas nove da manhã e achei estranho, mas, enfim, era o Tim. Nada de normal existe em Tim Houston.

Levantei e iniciei a peregrinação universal: fazer xixi, escovar os dentes, lavar o rosto e tirar o pijama. Quando cheguei na cozinha, foi preciso esfregar a mão nos olhos uma, duas, três e, acho que até quatro vezes, para ter certeza de que eu já tinha realmente acordado. Ficar com a boca aberta por muitos minutos foi involuntário, enquanto Tim parecia um garotinho de jardim de infância exibindo a maquete de isopor que ficou a semana toda aprontando para a aula de artes.

Realmente, parecia um trabalho digno de nota dez. A mesa tinha um bolo, café, pães, suco e aquelas carolinas cobertas com chocolate que eu adoro. No meio, um buquê com flores vermelhas. (Sério, Tim? Rosas vermelhas?) Ele abriu um sorriso enorme e olhou para o cantinho da mesa. Eu poderia ter fingido que não vi, poderia simplesmente ter ignorado. A bem da verdade, eu tentei. Desviei o olhar bruscamente para não ver uma caixinha preta em cima da mesa.

— Good morning! Que café da manhã é esse? Estava com tanta fome assim? — disse indo em direção a ele, que estava na ponta oposta à caixinha preta. Mas não adiantou. Ele foi até a tal da caixinha, a pegou e veio até mim. A vontade naquela hora era interromper antes que ele falasse qualquer coisa, sair correndo ou simplesmente dizer “não, não, não faça isso”.

— Today, my dear, is a special day¹ — ele falou com aquele sotaque forçado que eu odeio e dando aquela piscadinha de “eu sou o cara”. Envolveu a caixinha em uma mão e ficou na minha frente. Quando fez o mínimo sinal de que iria se ajoelhar... eu não aguentei.

— Não. Não — falei puxando-o do chão, fazendo-o esticar os joelhos. Ele ergueu uma das sobrancelhas, aquela que não tinha piercing e os lábios formaram um risco.

— O que foi? Não quer de joelhos? Tudo bem então.

— Jurandir... Não — eu disse enfim. E ele sabia que, quando eu falava o nome verdadeiro, estava falando sério. E tenho bastante convicção de que minha feição naquele momento expressava exatamente o mesmo. — Não. Não mesmo — repeti mais uma vez, virei de costas para ele, peguei a minha bolsa e saí pela porta da frente.

Veja bem. Eu acabei de negar o pedido de casamento de Tim Houston. É isso aí. É real. Podem soltar o release na imprensa: “Tim Houston tem pedido de casamento negado e continua solteiro”. As fãs irão à loucura. Não digo que vai vender muita revista, porque essas fãs dele não compram revista, mas garanto que vai dar bastante acesso nesses sites de fofoca.

Essa sou eu. Cristina Oliveira, 35 anos, solteira, uma insignificante professorinha de inglês, negando o pedido de casamento de Jurandir Aparecido da Silva, aka (também conhecido como) Tim Houston, o guitarrista de apoio de dez em cada nove músicos do mundo. Não, não é só do Brasil, não. É do mundo.

Vamos lá. Pode começar o discurso infinito do “como eu posso fazer isso com um moço tão bom quanto Tim?”. Veja bem: eu poderia ter dito sim, mas também posso dizer não e está aí a beleza do livre arbítrio.

No entanto, confesso que não foi fácil voltar cinco horas depois e encontrar Tim com os olhos vermelhos e um rolo de papel higiênico nas mãos sentado no sofá da sala assistindo algum jogo de futebol e tomando cerveja. Era uma cena grotesca. Aquele homem, daquele tamanho, cheio de tatuagens nos braços, cabelo comprido (e alisado, não adianta falar, a escova progressiva é uma realidade na vida de Tim), muitos piercings e uma cara de criança pedindo à mãe, com os olhos marejados. Era quase como pensar em um gorila brincando de bonecas.

Nem ao menos presenciar essa cena fez com que eu mudasse de ideia. A decisão era irredutível: não. Meus amigos, aqui é Cristina Oliveira e eu sou “incassável”. História verdadeira. Aliança aqui, não. E é exatamente aí que as coisas começam a se complicar.

¹ “Hoje, minha querida, é um dia especial.”